

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Crônicas para **MARTÍ**

Aproximações de um pensamento
atual em Brasil - Cuba

Reedito
Pensar

EDITORA REPENSAR

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos André Birnfeld

Prof. Dr. Felipe Franz Wienke

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. Hector Cury Soares

Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues

Prof^a. Dra. Liane Francisca Hüning Pazinato

Prof^a. Dra. Sheila Stolz



CRÔNICAS PARA
MARTÍ

APROXIMAÇÕES DE UM
PENSAMENTO ATUAL EM
BRASIL-CUBA

Copyright© 2025 by Editora Repensar
Projeto livrosparaomundo.com
Editor Responsável:Mara Vahl
Projeto Gráfico e Diagramação: Mara Vahl
Revisão português: autores e autoras dos textos
Normas Técnicas(ABNT): autores e autoras dos textos
Capa: Rodrigo Isquierdo Costa

As ideias e opiniões expressas neste livro são de exclusiva
responsabilidade dos autores, não refletindo,
necessariamente, a opinião desta Editora, que não as
aprova, nem reprova.

*É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer
meio ou processo, físico ou digital, inclusive quanto às
características gráficas e/ou editoriais, sem autorização
da editora.*

*Nos termos do projeto @livrosparaomundo.com, desde que
mantida a absoluta integralidade da obra, fica
excepcionalmente autorizada a reprodução e distribuição
em caráter não comercial, em formato digital PDF, sendo
permitida, também, independentemente de autorização
específica, a inclusão da obra em quaisquer repositórios
institucionais, de quaisquer instituições de ensino.*

A violação de direitos autorais constitui crime, sujeitando
quem praticá-la à sanções penais, busca e apreensão e
indenização pelos danos morais e materiais. Todos os
direitos desta edição e de reprodução, em formato físico ou
digital, reservados à Editora Repensar conforme
respectivos termos de cessão e o projeto
livrosparaomundo.com.

José Ricardo Caetano Costa

Nilda Rivalta Oliva

CRÔNICAS PARA
MARTÍ

APROXIMAÇÕES DE UM
PENSAMENTO ATUAL EM
BRASIL-CUBA

Pelotas
Editora
REPENSAR
2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C837c Costa, José Ricardo Caetano.

Crônicas para Martí aproximações de um pensamento atual em Brasil - Cuba. José Ricardo Caetano Costa, Nilda Rivalta Oliva. - Pelotas: Editora Repensar, 2025

LIVRO DIGITAL:

2.200 KB; PDF

ISBN: 978-65-83766-10-6

Inclui Bibliografia

1. Cuba. 2. Socialismo. 3. Justiça social.

I. Oliva, Nilda Rivalta.

II. Título.

CDD: 308.729.1

CDU: 306

Impresso no Brasil - Printed in Brazil

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR.....	9
SOBRE A AUTORA.....	10
JOSÉ MARTÍ E NOSSO TEMPO: atualizações de um pensamento ainda vivo e pulsante.....	11
UMA CRÔNICA PARA JOSÉ MARTÍ.....	19
A EDUCAÇÃO LIBERTA: seguindo os ensinamentos de José Martí.....	68
JOSÉ MARTÍ Y EL DERECHO DE PETICIÓN: UN PUENTE ENTRE CUBA Y BRASIL POR LA CIUDADANÍA ACTIVA.....	73
“RAZA Y CIUDADANÍA EN BRASIL Y CUBA: reflexiones desde el pensamiento de José Martí”.....	86
RESISTENCIAS Y LUCHAS POR LA IGUALDAD.....	92
LA LEY NO BASTA EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA CIUDADANÍA POST ESCLAVISTA.....	97
ANTONIO MACEO Y JOSÉ MARTÍ: la amistad como gesto político.....	100
ANEXOS.....	108

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Sobre o autor:

José Ricardo Caetano Costa

Bacharel em Filosofia (UCPEL), Direito (UFPEL), Especialista em Ciência Política (ISP/UFPEL). Mestre em Direito (UNISINOS). Doutor em Serviço Social (PUCRS). Pós-Doutor em Educação Ambiental (PPGEA/FURG) e na Universidad Marta Abreu de Las Villas (Santa Clara, Cuba). Professor da Faculdade de Direito e do Mestrado em Direito e Justiça Social da FURG. Coordenador do Projeto de Pesquisa-Ação CIDIJUS. Autor do livro: “De Volta à Cuba: a Ilha que Resiste”, Editora REPENSAR, 2025.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Sobre a autora:

Nilda Rivalta Oliva
(1989, Santa Clara, Cuba).

Licenciada en Historia por la Universidad de Cienfuegos y Máster en Ciencias Políticas por la Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas (UCLV). Profesora de Historia en la UCLV con categoría Asistente. Miembro de la Unión de Historiadores de Cuba (UNHIC), Filial Villa Clara. Miembro del Proyecto “*Tiempo, Espacio y Nación*” (de 2021 hasta 2023); Proyecto “*Guerra y Liberación Nacional*” (de 2021 hasta 2024) y Proyecto “*Políticas públicas, participación ciudadana y legitimidad del gobierno local*” (desde 2023 hasta la fecha). Reconocida en 2024 por la UNHIC con el Diploma “**Fernando Rodríguez Portela**” por sus resultados como historiador joven en la investigación, la docencia, la conservación o la promoción de la historia.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento
atual em Brasil-Cuba

**JOSÉ MARTÍ E NOSSO TEMPO:
atualizações de um pensamento ainda vivo e
pulsante**

José Ricardo Caetano Costa

"Los derechos se toman,
no se piden; se arrancan,
no se mendigan."

Retornei de minha segunda viagem à Cuba, em fevereiro de 2022, trazendo na mala menos coisas que levei. E uma verdadeira fortuna colhida nas ruas de Santa Clara e La Havana: dez livros de ou sobre José Martí. Diferentemente do mundo capitalista o qual vivo, em Cuba os livros são vendidos por centavos. Nas ruas, verdadeiros “sebos” à céu aberto, foi

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

possível comprar os livros de/sobre Martí com centavos de reais¹

Tinha em mente um firme propósito com a leitura destas pérolas, qual seja a escrita de algumas crônicas sobre o “mentor” da Revolução Cubana.

Assim o fiz, publicando agora em 2025 (agosto), o livro “De Volta à Cuba: a Ilha que Resiste”, da Editora Repensar. Nele, Martí ganhou as duas crônicas que estão no livro. Mas pensei que a homenagem ainda não era suficiente. E não estou somente falando de uma homenagem a Martí, mas sim de nós mesmos que o lemos passados 178 anos de seu nascimento e temos, diante de seu pensamento fruto de uma verdadeira práxis, uma possibilidade de ilações e análise extremamente atuais e vivas.

Esta perspectiva tomou corpo quando tivemos a oportunidade de recebermos quatro alunos vindos da Universidad de Marta Abreu de Las Villas, Cuba,

¹ Devido ao subsidio estatal os livros são de fácil acesso na Ilha Caribenha. Exemplo do **Ideário Pedagógico José Martí**, La Habana, 2019, adquirido por 15 pesos cubanos, o que corresponde hoje (23/08/25) a vinte centavos de reais, uma vez que um real corresponde a 81 pesos cubanos ao tempo em que escrevemos estas crônicas (setembro de 2025).

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

fruto do programa federal MOVE AMÉRICA: Jorge Lester Artile, Adrian Brolte, Liliet Diaz de Armas e Nilda Ribalta Oliva.

Nilda estava sob minha orientação junto ao Programa de Mestrado em Direito e Justiça Social (FADIR/FURG). Sua chegada ao Brasil foi desgarrada dos demais, devido ao atraso no repasse do crédito que permitiria comprar as passagens aéreas.

Insistente, mesmo depois que seus colegas, todos professores desta engajada e histórica Universidade, chegou em Rio Grande em um dia gelado e ventoso (27/06/25).

Passamos a realizar várias atividades de extensão conjuntamente, bem como a planejar sua estada em Rio Grande, e mais do que isso: a possibilidade de escrever mais sobre José Martí, a grande personagem da Revolução Cubana.

A jovem professora de História da Universidad Marta Abreu de Las Villas nos presenteou com duas crônicas magníficas: a primeira, denominada **JOSÉ MARTÍ Y EL DERECHO DE PETICIÓN: UN**

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

PUENTE ENTRE CUBA Y BRASIL POR LA CIUDADANÍA ACTIVA”.Nilda investiga a participação popular nos dois países, especialmente no que respeita ao direito de peticionar e buscar junto ao Estado a prestação jurisdicional dos direitos sociais. Na segunda crônica, intitulada

Na crônica **RAZA Y CIUDADANÍA EN BRASIL Y CUBA: REFLEXIONES DESDE EL PENSAMIENTO DE JOSÉ MARTÍ**, Nilda Ribalta faz uma análise profunda das questões relacionadas ao racismo no Brasil e em Cuba, trazendo a contribuição martiana ao tema proposto.

Com uma linguagem de ternura e poesia, Nilda consegue dar ao pensamento de Martí um vigor e atualidade impressionante. Referindo-se a Martí assim expressa:

“Lo imagino hoy caminando por las calles de alguna ciudad o pueblo de Brasil, hablando con jóvenes, escuchando a líderes comunitarios, escribiendo editoriales encendidos contra la exclusión y el racismo, predicando desde una ética civil que incomoda a los poderosos y enciende a

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

los humildes.”

Em outro trecho sustenta:

“Martí, desde su pensamiento crítico, sostuvo una visión de la humanidad que trascendía las diferencias raciales y colocaba en el centro la dignidad del ser humano. Ese principio, tan simple como radical, continúa siendo un desafío para las sociedades brasileña y cubana, que todavía enfrentan las huellas de un pasado esclavista arraigado en estructuras de poder, en los imaginarios colectivos y en las relaciones económicas.”

Sobre o racismo estrutural, existente de forma visível no Brasil e por vezes velada, mas ainda presente, em Cuba, analisa Nilda:

“En el presente, las comunidades negras de Brasil y Cuba pueden y deben dialogar con Martí desde su propia experiencia. No para colocarlo en un altar, sino para interpretarlo y para actualizarlo.”

“Brasil y Cuba, desde contextos distintos, comparten un desafío común, garantizar que la palabra negra no sea tolerada como folclore, sino escuchada

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

como política. Que el derecho a pedir no sea un gesto decorativo, sino una herramienta efectiva para transformar estructuras de exclusión.”

Em diversos momentos tinha dito à Nilda Ribalta da importância de trazermos um pouco do pensamento martiano ao Brasil, especialmente pelo fato de ser um autor/pensador/escritor muito pouco conhecido dos brasileiros. Nilda compreendeu muito bem esta minha preocupação, quando assim constatou:

“Traer a Martí al Brasil de hoy no es una extravagancia. Es un acto de justicia. Es tender un puente entre tradiciones cívicas hermanas. Es recuperar una memoria continental donde pedir es también construir. Por eso escribió “Patria es humanidad,”², y pocas frases resumen mejor su proyecto moral y político. Si patria es humanidad, entonces toda causa justa en Brasil es también una causa martiana.”

² Martí, J. *En casa*, Patria, Nueva York, 26 de enero de 1895, t.5, p. 468

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Por certo que o pensamento martiano ainda esta vivo e pulsante, podendo muito contribuir no momento atual em que nos encontramos. Seja pela urgência de se pensar uma América (Central e Sul), conjuntamente com o Continente Africano e o Caribe, com um mesmo sentimento de identidade. Fato este que é reforçado pela política de Trump que vem expulsando estes povos do território estadunidense. Seja pelo ideário pedagógico esboçado por Martí, que propugna espaços públicos e gratuitos em que o saber instrumental e de uma “instrucción meramente verbal y representativa” deve ser rechaçado.

Aponta, em contrapartida, que as escolas não podem ser de meras palavras, mas um lugar de amor e de paixão. Um lugar de “hombres vivos, hombres directos, hombres independientes, hombres amantes”.

O pensamento martiano é extremamente humanista, propondo um homem não egoísta, que busca a felicidade sobre a terra tendo como norte o bem de todos, em harmonia com a natureza. Um homem generoso e solidário. Talvez uma das frases mais

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

conhecidas de Martí seja “Ser culto é o único modo de ser livre”. Eu encontrei, no Ideário Pedagógico, o contexto geral em que esta frase foi cunhada. E é com esse trecho que encerro esta breve crônica:

“Ser bueno es el único modo de ser dichoso.

Ser culto es el único modo de ser libre.

Pero, en lo común de la naturaleza humana, se necesita ser próspero para ser bueno.

Y el único caminho abierto a la prosperidade constante y fácil es el de conocer, cultivar y aprovechar los elementos inagotables e infatigables de la naturaleza.”

UMA CRÔNICA PARA JOSÉ MARTÍ

Confesso que até a minha segunda ida à Cuba, em fevereiro de 2022, tinha lembrança de que José Martí foi um grande poeta cubano. Não mais que isso.

Quando o avião da Copa Airlines pousou no aeroporto da Capital cubana, vendo estampado no aeroporto seu nome em homenagem, fiquei instigado a pesquisar e a ler mais sobre este herói nacional.

Em agosto de 2023, em evento realizado em nossos programas de mestrado (PPGEA/PPGDJS), ambos da FURG, tivemos a ilustre presença de Ricardo Haesbaert, Presidente da Associação Cultural José Martí, no Rio Grande do Sul.

Ricardo, que realiza um extraordinário trabalho na divulgação da obra de Martí em nosso Estado e em outros rincões afora, proferiu uma palestra de quase

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

duas horas. Fiquei encantado e, tal como ele próprio passa em sua fala mansa e ao mesmo tempo profunda, pelo professor, historiador, poeta, filósofo, orador, teatrólogo, escritor e tantos outros atributos que lhe são atribuídos.

Antes de embarcar para Cuba novamente, busquei nas livrarias e nos muitos sebos existentes em minha cidade de Pelotas, literatura para poder escrever sobre este grande personagem que mudou a história cubana.

Não encontrei absolutamente nada de Martí. Fato este que mais me instigou a conhecer e divulgar o pensamento, vivo e atual, deste ilustre pensador cubano.

A minha primeira perquirição foi respondida após a leitura de algumas obras que adquiri em La Havana: por que Martí é conhecido no Uruguai, Argentina e outros países latino-americanos e no Brasil não o é?

Ao longo desta crônica irei responder este questionamento. E como consolo, descobri que teve

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

um brasileiro em seu caminho, um dado pouco conhecido de nossa literatura.

Mas quem era esse homem franzino, frágil corporalmente, mas que quando começava a falar seus discursos contaminavam a todos? Quem era este jovem obstinado pela independência de seu País, que tratava a todos cordialmente, com educação e cuidado, cuja personalidade tinha uma força de um vulcão em erupção? Enfim, quais os legados que ele deixou, não somente para Cuba, como para o que denominou de *Nuestra América*?

José Martí nasceu em 28 de janeiro de 1853. Filho primeiro de Mariano Martí, soldado espanhol de Valência, transferido para Cuba quando esta ainda era colônia de Espanha, cuja mãe, Leonor Pérez, também era espanhola das Ilhas Canária. Muito embora seu pai tenha galgado o posto de oficial de artilharia, viviam em condições humildes, com poucos recursos. O casal teve mais sete filhas, tendo sua mãe um papel fundamental no empenho para que Martí pudesse estudar.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Aos doze anos de idade sua vida começou a mudar, especialmente no aspecto cultural e político. Isso porque foi estudar em um bom colégio dirigido por Rafael María de Mendive, o que foi determinante na sua formação como intelectual.

Mendive era um obcecado pela independência de Cuba, tendo participado de várias tentativas de libertação do jugo espanhol.

A luta pela independência já vinha em curso, tendo seu apogeu em 10 de outubro de 1868 quando Carlos Manuel de Céspedes propugnou o grito de “Cuba Libre”, em seu engenho situado em Demajagua. Esta luta, de forças totalmente desproporcionais face o poder da Espanha, ficou conhecida como “Guerra dos Dez Anos”.

Martí narra os feitos heroicos dos mambizes, cujo nomes de Agramonte, Gómez e Maceo até hoje encontramos pelos monumentos em La Habana, assim como o papel fundamental que as mulheres tiveram nesta longa guerra.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Martí e seu fiel amigo Fermín Valdés Domínguez entraram com o corpo e a alma neste movimento, que terminou com o Pacto de Zanjón, do qual a Espanha se comprometia a realizar reformas e ampliar direitos que nunca se efetivaram. Pelo contrário, seus líderes e simpatizantes foram perseguidos e duramente punidos.

Desde pequeno Martí conheceu os trabalhadores e trabalhadoras do campo, pois tinha oito anos quando seu pai perdeu o emprego e foi trabalhar em Hanábana, região de Matanzas. Conheceu também as crueldades que cometiam para com os negros escravos, a que passou a chamar de “mis negros”.

Esse sentimento de pureza e de solidariedade que os(as) campesinos(as) sempre externam, além do contato com a natureza, marcaram sua vida e sua obra intensamente.

Em outubro de 1869 os dois amigos conheceram o cárcere, uma vez que foi encontrado na casa de Fermín vestígios de um periódico clandestino que escreviam. Martí tinha apenas 17 anos de idade quando lhe puseram um cinturam de ferro preso em

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

uma das pernas, raspavam seu cabelo e lhe puseram uma roupa de preto como todo presidiário. Ganhou o número 113. Passou a carregar calcário e queimar estas pedras em fornos, passando pelas mais diversas crueldades físicas e morais.

Este período como prisioneiro em seu próprio país foi fundamental para reafirmar seu patriotismo e ideário libertário e humanista. Horroriza-se diante da forma com que os presos eram tratados, reproduzidos na figura de Nicolás del Castillo, um ancião de 76 anos que vestia roupas sujas de sangue e mais parecia um cadáver ambulante. Ao levantar suas vestes, Martí observou que partes do corpo do brigadeiro condenado há dez anos por ato de insubordinação, estava com feridas e outras partes do corpo já em estágio de apodrecimento. Observou negros presos com cem anos de idade, bem como menores de quatorze anos presos e maltratados.

Por intermédio de um conhecido de seu pai, chamado don José María Sará, conseguiu exílio na Ilha de Pinos, sob sua custódia.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Quando saiu do presídio, escreveu a obra *El presidio politico em Cuba*, quando tinha apenas 18 anos de idade, o qual foi editado e publicado na Espanha e passou a ser um marco na defesa dos direitos humanos.

Martí chegou à Espanha em janeiro de 1871, indo para Madri onde já tinham muitos cubanos que os encontraria. Para sobreviver, passa a exercer os misteres de cuidadores de crianças de famílias cubanas melhor situadas financeiramente, bem como começa a realizar pequenas traduções do inglês para o espanhol. Foi neste período em que se matricula na Universidade Central de Madri, como aluno autônomo. Mesmo pobre, sua “fome” de conhecer e aprender é gigante: visita museus, estuda incansavelmente nas bibliotecas, conhece as grandes obras de arte, lê os clássicos, permanece horas a fio na biblioteca del Ateneo, alimentando-se do saber dos grandes gênios como Cervantes, Calderón, Teresa de Ávila, entre tantos outros.

Foi justamente neste primeiro momento de estada em Madri que consegue publicar seu primeiro

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

livro, *El presidio politico em Cuba*, o qual denuncia a forma desumana com que a Espanha trata sua colônia. Além desse livro, publica também A república espanhola ante a revolução cubana.

O movimento pró-independência ganha forças, tendo, por um lado, a simpatia de uma parte da população espanhola que se comove com os escritos de Martí, mas mantendo, por outro lado, a resistência do governo colonial que insiste em manter suas colônias submissas. Duro fato ocorre em 27 de novembro de 1871 quando oito estudantes de medicina de La Habana foram fuzilados, mais outros tantos encarcerados, entre os quais está seu fiel amigo Fermín Valdés.

Os assassinatos destes jovens estudantes, bem como o encarceramento de seu melhor amigo, Fermín, o conduziram ao adoecimento, tendo que realizar um procedimento cirúrgico que o levou ao enfraquecimento. Fato amenizado com a chegada de Fermín à Madri, que foi deportado juntamente com outros presos.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Ambos presenciam a luta interna da Espanha para superar a monarquia, em luta pela república, o qual foi aclamada em 11 de fevereiro de 1873. Martí aproveita o momento e escreve um panfleto em que reivindica a independência também de Cuba. As repercussões política deste escrito o obriga, junto com Fermín, a irem para Zaragoza. Lá vivenciaram um processo de luta e de resistência dos aragoneses, que pretendiam se libertar do jugo monarquista. Martí se soma a esse movimento independentista, ao mesmo tempo em que aproveita para terminar seus estudos acadêmicos. A universidade, segundo ele, é “a verdadeira casa de estudos”. Por isso passa horas e horas a estudar diversas searas: filosofia, direito, línguas, literatura, história, etc.

No começo de 1874 um golpe militar derruba a república e reinstaura a monarquia na Espanha. Martí soma-se aos insurgentes, tendo presenciado a violência sangrenta que a monarquia usa para com os aragoneses.

Sabendo que sua família foi para o México, Martí retorna para Madri, indo depois passar alguns

dias em Paris em companhia de seu amigo Fermín. Marí domina o Francês, além de admirar a cultura deste País. Mas tem que partir para o México. Seu fiel amigo o deixa no porto de El Havre, embarcando em um barco à vapor que leva emigrantes. No curso do trajeto, que tem uma parada na Inglaterra, também aporta em La Habana, avistando de perto sua amada cidade que pretende libertar a todo custo das amarras monárquicas.

No final de 1874 Martí chega à terra de Veracruz, no México. Um trem, que passa por entre as verdes florestas, o conduz à capital. O esperam seu pai, já ancião e sem forças laborais, juntamente com seu amigo Manuel Mercado, e suas irmãs Carmem, Amelia e Antonia. Leonor, que estava casada, viria depois de La Habana. E sua irmã Ana não estava presente. Notou sua ausência. As vestes de preto de seu velho pai denunciavam um clima a ser confirmado: Ana tivera um problema cardíaco e veio a falecer.

Martí confirma a pobreza em que vive sua família. Sua mãe e suas irmãs realizam pequenas

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

costuras, enquanto seu pai não possui mais saúde para trabalhar.

Manuel Mercado, fiel amigo da família que tem os ajudado, consegue um trabalho para Martí na conhecida Revista Universal. O manejo fácil e hábil das palavras, o conhecimento de várias línguas e dos clássicos, o conduz a realizar escritos, sob o pseudônimo de *Orestes*, que denuncia a situação dos povos da América, a exploração e tantos outros sentimentos, por meio de poemas, peças teatrais, além de uma oratória inigualável. Por isso seus companheiros diziam que Martí “No es extranjero; es nuestro, es nuestro!”

Esta estada no México, em que Martí não somente mantém sua vida acadêmico-literária, mas começa a ter contato com os movimentos dos trabalhadores e fazer oratórias em suas organizações e eventos, começa a ser desenhado um projeto que envolve o conceito de “Nuestra América”. Este projeto prevê a libertação não somente de Cuba, mas de todos os povos americanos e caribenhos.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Também há de se referir que esta pequena estada desperta em Martí um amor profundo por Carmen, filha do advogado cubano Don Francisco Sayas Bazán. Sua beleza e encanto refletem nas obras deste sensível poeta, que termina por voltar a Ilha caribenha em 1877, buscando melhores condições para sua família.

O contexto vivido em Cuba, quando do seu retorno após seis anos fora de sua terra mater, reforça seus ideais libertários e independentistas: elevada corrupção, forte comércio de escravos, pobreza generalizada da população, combinado com um governo monárquico despótico e autoritário que subjuga os mais humildes.

Passados pouco mais de três meses em La Habana, Martí parte para a Guatemala, o que irá adensar o seu projeto de “Nuestra America”.

Na longa viagem de barco que realizou até chegar à Guatemala, realizou anotações, acumulando material para a escrita. Percebeu a vida difícil dos povos indígenas, em meio a uma prodigiosa e exuberante paisagem coberta de florestas.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Martí levava consigo uma carta do Padre Valdés Dominguéz, direcionada ao Presidente da República daquele país, o qual lhe indicou ao professor e poeta José Maria Izaguirre, que era o diretor da Escola Normal. Este, que já o conhecia devido ao escrito *El presidio político em Cuba*, o nomeou desde logo como professor de literatura e história da filosofia de sua escola.

Na cátedra, o jovem Martí destacou-se não somente entre os alunos como também pela vibrante oratória, ganhando prestígio e notoriedade.

Em fins de 1877, Martí retorna ao México para concretizar a promessa feita à Carmen, casando-se com ela em dezembro deste mesmo ano. Retornando à Guatemala, já casado, Martí se depara com uma nova realidade: uma campanha infame contra o diretor Izaguirre, obriga o Presidente a destituí-lo do seu cargo. Martí, mesmo contra a vontade do diretor e sem a anuência de sua jovem esposa, renúncia ao cargo de professor, perdendo com isso o único salário que tinha para manter sua família. Indagado sobre a renúncia, Martí exclama que não poderia viver com

uma injustiça e dar anuência a ela. Retornam em agosto deste ano à sua terra natal, buscando somar forças para a revolução libertadora que tanto acreditava.

Martí e seus compatriotas expatriados podiam retornar à Cuba. Estava vigendo o Pacto del Zanjón, mas Martí sabia que a Espanha não estava e nem iria cumprir com as promessas realizadas.

Em 31 de agosto de 1878 ele e sua esposa Camen, já grávida, desembarcam em La Habana. Seu filho nasce em três meses após sua chegada à Ilha.

O contexto em que encontra seus companheiros é bastante desafiador. Uma parte deles se mantem calados, inertes. Outra parte, dos que regressaram, continuam com seus ideais, mas Martí sente que parecem perdidos, tal como um bolo sem o fermento que lhe dê a possibilidade do crescimento.

Mantém sua esposa e seu filho recém-nascido a partir de um pequeno salário recebido de um escritório de advocacia de amigos, além de um soldo conquistado pelo mister de professor em pequena

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

escola. Nas horas de folgas e à noite dedicava-se à reuniões com seus patriotas que aspiravam à libertação de Cuba.

Nomeado secretário da seção de literatura do Liceo Artístico Y Literário de Guanabacoa, Martí aos 26 anos de idade passa a ser o principal orador desse movimento. Sua oratória, ao mesmo tempo profunda e sensível (comovente), a todos(as) encanta. Em discurso de homenagem a Adolfo Márquez Sterling, importante periodista, assim se expressou em relação aos direitos: **“Porque el hombre que clama vale más que el que suplica... Y los derechos se toman, no se mendigan.”**

Martí, juntamente com outros rebeldes insurgentes, à exemplo do periodista Juan Gualberto Gómez, organizaram a resistência para avançar na parte oriental da Ilha. Assim, com poucos recursos, começaram um processo revolucionário armado de libertação, a começar em campo oriental e depois em Santa Clara (que será palco da vitória final somente em 1959).

O grupo reúne-se secretamente em Regla, cujo comitê central é presidido por José Martí. Um delator denuncia o movimento à autoridade local que o prenderam, diante de sua jovem esposa e de seu filho “Pepe”, como o chamava.

Tal como ocorrera na Guatemala, as autoridades coloniais lhe deram a oportunidade de permanecer em La Habana, desde que anunciasse publicamente o apoio ao governo e autoridade de Espanha. Coerente, sem medo da verdade e fiel aos seus princípios, Martí nega-se a firmar seu apoio à autoridade colonial, proferindo a seguinte frase que ingressou para a história: **“Martí no es de la raza vendible!”**

Em 25 de setembro de 1879, pela segunda vez, agora aos 26 anos de idade, Martí deixa novamente sua família, e agora sua esposa e seu pequeno Pepe, deportado novamente para a Espanha.

Martí permanece por apenas quatro meses em Madri. A saudade de sua família, especialmente quando sequer tem seu filho Pepe para poder beijar e abraçar, o cortam o peito como uma lâmina afiada,

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

segundo a expressão de alguns narradores de sua biografia (Almendros, 1990).

Sua esposa, Carmen, não compreende sua tarefa libertária e revolucionária. Tinha que sair de Madri, cujo ambiente o sufocava e não permitia avançar nos seus propósitos.

Com rápida passagem por Paris, novamente, chega à Nova Iorque em 3 de janeiro de 1880, permanecendo, neste primeiro período em solo Norte-Americano, até janeiro do ano seguinte.

Esta longa estada em Nova Iorque, interrompida somente com uma breve passagem à Venezuela (de janeiro a julho de 1881), foi fundamental para solidificar seu pensamento independista.

Esta nova cidade, a qual já tinham migrado centenas de cubanos insurgentes os quais Martí teria contato, o faria enfrentar a ausência de sua família, agravada pela doença de seu pai que estava enfermo.

Era uma cidade desenvolvida, com vida e pungência. A família de Miguel Fernández Ledesma, que fora também preso político quando tinha apenas

17 anos de idade, lhe forneceu o abrigo inicial que precisaria. Pediu em carta endereçada à sua esposa Carmen que viesse com seu filho para a nova cidade. Argumentou que seu espírito trabalharia melhor se estivesse mais tranquilo.

Empenhou-se em conhecer profundamente a língua inglesa, pois já a tinha enfrentado aos treze anos de idade na tentativa de traduzir para o espanhol alguns de seus maiores poetas.

Entre tantos cubanos que conhecera na mesma casa que o albergava, estava o general Calixto García, chefe rebelde que saiu da prisão após o Pacto del Zanjón. Definitivamente, não estava sozinho!

Ambos passam a participar do Comité de Los Revolucionarios Cubanos de Nova Iorque. Após seu primeiro discurso, com o intuito de dar ânimo e maior coesão aos companheiros e companheiras do Comité, Martí é conduzido ao cargo de Presidente do referido. Tem a difícil tarefa de unir os revoltosos e preparar a nova etapa da guerra por Independência. Seu discurso, sempre forte e convincente, propunha que a nova

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

revolução deveria ser norteadas não pelo ódio, mas pela reflexão.

Ato contínuo, passa escrever artigos de crítica de arte para o conhecido jornal *The Sun*, bem como para a revista *The Hour*.

Já em melhores condições financeiras, consegue que sua esposa e seu pequeno Pepe venham para a promissora cidade, hospedando-se na casa de outros cubanos, o casal Manuel Mantilla e sua esposa Carmen Miyares os recebem de forma acolhedora e familiar.

Este primeiro período em Nova Iorque trouxe muito desgaste e inquietação a Martí. Mesmo tendo seu filho Pepe e sua esposa Carmen consigo, as sucessivas tentativas inexitosas de libertação ocorridas no outro lado do Atlântico, o deixavam inquieto e seu espírito não descansava. Sua esposa Carmen, por outro lado, não compreendia seu sentimento de pertencimento a uma América massacrada, cujos povos clamavam por libertação.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Neste quadro, em fins de 1880, Carmen e seu Pepe retornam pra Cuba. Martí, por sua vez, resolve ir para Venezuela, quiçá para tomar um fôlego diante dos feitos de Simon Bolívar, o qual admirava.

Era janeiro de 1881 quando Martí levou doze dias da longa viagem de barco de NY à Caracas. Bolívar representava muito daquilo em que Martí acreditava e vivia: a libertação e união de todos os povos de *Nuestra América* e caribenhos.

Nos seis meses em que permaneceu em solo venezuelano, Martí escreveu vários artigos para o importante jornal *La Opinión Nacional*, mas seu maior feito foi criar e editar a *Revista Venezolana*.

A revista teve somente dois números. No primeiro número, encontramos um artigo sobre o dicionário de vocabulários indígenas, mostrando uma preocupação para com estes povos.

Já no segundo, Martí dedica uma boa parte dos conteúdos em homenagem a Cecilio Acosta, homem sábio e rebelde, conforme narram os cronistas da época. Martí passou a frequentar a casa de Acosta,

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

pelos interesses comuns que tinham, mas este veio em seguida a falecer. Na sua homenagem Martí escreveu: “Aquele cabeça alva que foi o berço de tantas grandes ideias agora é oca e sem luz, e aqueles lábios que falavam uma linguagem tão viril e galante agora são mudos; e junto à parede do caixão aquela mão que sempre foi o apoio de uma pena honesta, serva do amor e do mal rebelde. Morreu um justo: morreu Cecilio Acosta (...) Quão desconsolador é ver morrer um trabalhador tão grande, na parte mais difícil da tarefa. (...) E quando ele levantou voo, suas asas estavam limpas!”

As referências feitas por Martí ao sábio rebelde venezuelano falecido, fez despertar a ira do então governador Guzmán Blanco, que era seu maior oponente.

Martí, que se recusou a fazer um elogio sobre a administração pública de Blanco em sua revista, diante das referências feitas à Acosta, em contrapartida, provocou a ira do governante que o chamou no Palácio Presidencial e o “convidou” a deixar a Venezuela.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Em agosto de 1881 Martí retorna de novo a NY. Em cartas trocadas com Carmen, que estava em Camagüey com seu filho e se recusava a retornar pois afirmava que seria “buscar uma miséria cierta”, Martí lança-se a um trabalho duro na escrita de suas crônicas e poemas. Passou a escrever, sob o pseudônimo de M. de Z. para diversos periódicos, entre os quais o *La Opinion Nacional*, de sua egressa Caracas, e o *La Nación*, de Buenos Aires, Argentina.

Dias difíceis, em que para sobreviver passou a trabalhar em uma oficina comercial, como tradutor na casa editorial Appleton e como cuidador de livros, passava as noites em seu quarto realizando seus escritos que abasteciam periódicos de diversos outros países na Colômbia, Uruguai, Paraguai, México etc.

Certa vez escreveu que “A todos embriaga el vino; a mi, el exceso de trabajo”, dedicando-se a narrar em suas crônicas e poemas a vida cotidiana, desde a vida dos povos indígenas como a do próprio povo norte-americano.

Sua obra chegou até a Europa, a ponto de o famoso escritor e jornalista argentino Domingo

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Faustino Sarmiento, que chegou à presidência da república, o considerar o maior representante em língua castelhana e indicar a tradução de seus artigos para os demais países europeus.

Era dezembro de 1982 quando Martí teve a possibilidade de conviver, após dois anos de ausência, sua esposa Carmen e seu filho Pepe. Já estava em melhores condições financeiras, alugando um apartamento novo no também recente bairro do Brooklyn.

Trabalha demasiadamente em seus artigos, o que lhe rendeu a nomeação como redator da importante revista *La América*, além das reuniões com os cubanos insurgentes que residem em NY.

Ao invés do que acreditava, sua esposa Carmen não aceitava o sacrifício que Martí fazia, em detrimento da vida familiar. Seu pai, que foi passar um período em NY, tinha ao mesmo tempo orgulho do jovem Martí (com pouco mais de 30 anos de idade neste período), bem como receio do que enfrentaria ao assumir radicalmente suas posições libertárias e independentistas.

Segue Martí em sua busca por uma Cuba Livre. Aproveita seus escritos nos jornais La Nación e La América para propagar a união dos povos latinos com os caribenhos, especialmente Cuba, a partir de um projeto que denominou **Nuestra América**.

Para materializar esse projeto a partir de Cuba, consegue reunir em 19884 os generais Máximo Gómez e Antonio Maceo, ambos combatentes importantes e líderes da “Guerra dos Dez Anos”.

Nas palavras de Herminio Almandros (1990), pela primeira vez sentam-se ao redor de uma mesma mesa os dois generais caudilhos com um homem civil, José Martí.

O que poderia ser o começo de uma grande articulação para realizar uma guerra armada revolucionária em Cuba, acabou ocorrendo um processo de cisão devido ao modo autoritário como o general Máximo Gómez pretendia levar adiante seus planos. O *modus operandi* que este caudilho vindicava, sem a intervenção civil e sem um processo de debate do próprio plano, ofendeu Martí que se retirou dessa investida que veio a fracassar.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

A partir de 1985, Martí passa por um período de reclusão, tendo renunciado à condição de Presidente da Asociación Cubana de Socorros. Por outro lado, intensifica sua produção intelectual: realiza traduções para a casa Appleton, publica a novela *Amistad funesta*, enviando seus artigos para vários periódicos de partidos de esquerda, tais como o *El Partido Liberal* (México), *La República* (Honduras), *La Opinión Pública* (Uruguai), e tantos outros.

Seu pai morre em 2 de fevereiro de 1887, causando-lhe uma dor profunda. Intensifica seus trabalhos para ter condições de trazer sua velha mãe, dona Leonor, para perto de si.

Para tanto, aceita o cargo de Cônsul do Uruguai em NY, vindo depois a acumular também o mesmo posto, representando a Argentina e o Paraguai.

Sua mãe vem para NY, sendo hospedada na pensão de dona Carmen Miyares.

Martí segue em sua empreitada libertária, passando a se preocupar com as intenções nascidas no próprio império norte-americano. Havia uma

campanha manifesta denominada “Cuba para os Estados Unidos”, vindo Martí a opor-se veementemente contra estes propósitos expansionistas estadunidenses.

Em NY Martí, sempre atento a todos os movimentos ocorridos em sua época, percebeu a movimentação dos E.U.A em seu intento de vincular todos estes países latinos, assim como os caribenhos, à sua política expansionista.

Neste ponto, em 1880 assume a presidência da Sociedade Proctetora de la Instrucción La Liga, uma entidade que reunia os negros e negras expatriados de Cuba, tornando-se um centro de reuniões para os independistas.

Em 1981 na Conferência Monetária Internacional Americana, Martí já representada oficialmente o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, tendo defendido o direito destes povos em terem a sua própria moeda e não se vincular ao dólar norte-americano.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Martí não representava, portanto, somente Cuba e estes países citados. Era o legítimo defensor de todos os povos latinos e caribenhos, contra os interesses imperialistas do “gigante de botas” que surgia como potência mundial.

Martí acompanha de NY o fracasso, sem supressas, da intentada organizada pelo General Calixto Garcia, denominada Guerra Chiquita (1879-1980).

Sempre apregoava que a “pátria necesita sacrificios. Es ara y no pedestral. Se la sirve, pero no se la toma para servirse de ella”. Asseverava que deveria acabar com as tiranias e construir uma sociedade reparadora, justa e sincera. Uma sociedade de inclusão de todos e todas, sejam brancos, negros, estrangeiros, independente de credos e raças, regida não pela lei da política, mas sim pela lei do amor. Sábios ensinamentos que valem para todo e qualquer processo de independência.

De agosto a novembro e 1989, além das inúmeras atribuições que vem acumulando, Martí dedica-se a construir uma obra que, com o tempo,

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

ganhou uma notoriedade o qual creio que nem o próprio autor pensaria alcançar. Trata-se da escrita de uma revista mensal, destinada a todos e todas as crianças das américas e caribe, denominada *La Edad de Oro*.

A história de Martí com os jovens vem de longa data. Ganhara a vida por muito tempo sendo perceptor de crianças cubanas quando do seu exílio na Espanha. A dedicação foi endereçada ao seu pequeno Pepe, mas também a todas as crianças das américas e do caribe, de modo que saibam como vivem os povos, suas histórias, seus problemas, o avanço das tecnologias, mas especialmente de tudo para a formação do caráter destes jovens.

Estas edições somente foram possíveis porque um brasileiro bem situado economicamente, chamado Senhor A. Dacosta Gómez, possibilitou os meios para sua existência. Encontramos na capa da primeira edição a seguinte inscrição em castelhano: *La Edad de Oro. Publicacion Mensual de Recro e Instruccion. Dedicada à Los Ninõs de América. Redactor: JOSÉ MARTÍ. Editor: A DACOSTA CÓMEZ.*

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Voltaremos a explorar melhor estas revistas, no tópico seguinte, diante da importância que ela tem no pensamento martiano.

Infelizmente, por interesses opostos a seu intento, advinda dos patrocinadores da revista, teve apenas quatro números pois Martí, sempre fiel a seus princípios, negou-se a escrever artigos com outro enfoque que refugisse ao seu ideário libertário e independista.

O inverno de 1889 faz com que Martí seja obrigado a retirar-se para as montanhas, por orientação médica, eis que doente e necessitando repousar. Tinha 38 anos apenas. Foi neste período que escreveu as poesias que compuseram sua obra Versos Sencillos. Escreve Martí:

*Com los pobres de la tierra
Quiero yo mi suerte echar.
!La esclavitud de los hombres
Es la gran pena del mundo!*

Seu retiro durou pouco tempo. Não poderia permanecer no campo, retornando suas crônicas para

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

os jornais, suas atividades no Consulado do Uruguai, bem como seus trabalhos no turno da noite como professor de espanhol em escola municipal.

Há de se registrar que os anos que se seguem a 1890 deram uma guinada na vida de Martí. Ele sabia que teria que se dedicar mais as atividades práticas, concretas, se quisesse planejar uma revolução em Cuba e as américas (Central e Latina).

Primeiro passo neste sentido é dado quando passa a se dedicar a dar aulas, gratuitamente, para os trabalhadores negros cubanos de NY. Almendros (1990) narra que sua forma pedagógica era baseada em diálogos e conversas com estes trabalhadores. Sua fala era suave, clara e sábia. E as conversas eram sobre tudo e todas as coisas: política, poetas, história, moral, ciência etc.

Diante da notoriedade, foi guindado à Presidente Honorário da entidade que ajudava a esta parte esquecida da população, denominada *La Liga, sociedad de protección y de instrucción*.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Os negros cubanos e porto-riquenhos o admiravam, chamando-o de El Maestro. E não poderia ser diferente. Martí reunia virtudes e atributos que poucos apresentavam: era extremamente inteligente, brilhante tanto na escrita como na oratória; colocava-se em pé de igualdade com qualquer pessoa, especialmente as mais humildades e vulneráveis; não tinha qualquer intenção a não ser a de liberdade e autonomia a todos os cativos e os povos humilhados e desprezados; definitivamente, não era apenas um cubano, mas sim um homem de *Nuestra América*.

No final de 1891, Martí começa a intensificar seu projeto na prática: renuncia ao cargo de Cônsul da Argentina (devido à pressão feita pela Espanha), bem como do Uruguai e do Paraguai também. Além disso, deixa de enviar suas crônicas ao jornal argentino La Nación, bem como renuncia a outros cargos importantes. Em um mundo em que muitas pessoas galgam notoriedade e cargos para se autopromoverem, fica a lição de Martí: “*No quiero preeminencias para mí, sino felicidad para mi patria*”.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Livre destas amarras, a partir de 1891 Martí passa a investir em uma empreitada de construção da revolução cubana, tendo como objetivo principal unir, esclarecer e aglutinar os trabalhadores cubanos residentes em NY, bem como outros grupos residentes em Cuba e em outros países, como Porto Rico.

Sua primeira investida, bem-sucedida, foi no Estado norte-americano de Florida, nas regiões de Tampa e de Cayo Hueso, cidades em que bairros inteiros foram fundados pelos trabalhadores emigrantes da indústria do fumo, especialmente os negros.

Martí começou sua investida por Tampa. Lá funcionava o clube “Ignacio Agramonte”, que era presidido por Néstor Carvonell. Martí participou de uma festa no referido clube, no dia 25 de novembro de 1891. Foi ovacionado pela multidão que o recebera. Vejamos partes de seu discurso:

Para Cuba que sufre, la primera palabra. De altar se há de tomar a Cuba, para ofrendarle nuestra vida, y de pedestral, para levantarnos sobre ella.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Yo quiero que la ley primera de nuestra república sea el ulto de los cubanos a la dignidad plena del hombre. (...) Y a quien crea que falta a los cubanos coraje y capacidad para vivir por sí em la tierra creada por su valor, le décimos: !Mienten!

Ato importante ocorre em La Liga Patriótica Cubana, quando José Martí funda a Liga de Instrucción, propondo algumas premissas que, posteriormente, irão ser as bases para o Partido Revolucionario Cubano (PRC), que terá um papel central na revolução cubana.

Na sua estada em Cayo Hueso, um mês após estar em Tampa, nos narra Herminio Almendros (1990), que a evento tomou uma proporção ainda maior. Ali viviam velhos lutadores que faziam parte do plano de Gómez-Maceo, o que Martí abortou, como já vimos.

Martí ainda estava doente, mas seu espírito estava animado com a adesão dos trabalhadores de Cayo e Tampa. Mesmo enfermo, na cama, mantinha seus contatos políticos com os mais diversos líderes e

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

com os trabalhadores que o procuravam. Em poucos dias retornou aos eventos os quais era o orador principal: Círculo Cubano de San Carlos, Club Patria y Libertade e por outras fábricas que manufaturavam o tabaco.

Martí foi aclamado delegado em La Convención Cubana, cabendo a ele não somente redigir as bases do PRC, como escrever seu regimento secreto.

O primeiro artigo do PRC assim foi proposto e aprovado: “El Partido Revolucionario Cubano se constituye para lograr con los esfuerzos reunidos de todos los hombres de buena voluntad, la independencia absoluta de la isla de Cuba, y fomentar y autiliar la de Puerto Rico.”

A partir da experiência vivida em Tampa y Cayo Hueso, Martí anima-se e passa a participar de várias reuniões em clubes de NY. Com a mesma intenção libertadora e revolucionária, funda, juntamente com outros cubanos e porto-riquenhos, o periódico Patria. Tinha claro que a luta pela independência não devia ser um fim em si mesma, mas sim um meio para passar de um regime colonial para um sistema

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

revolucionário. Por isso, na sua concepção desde o início, tinha clareza de que não adiantava apenas alterar o regime. A revolução exigia algo a mais, em uma sociedade em que os homens verdadeiros, negros ou brancos, se tratem com lealdade e ternura, devendo honrar a terra em que nasceram.

No coração de Nova Iorque, conseguiu perceber do perigo que representava o poderio da “Roma americana”, ou da “República do Norte”, referindo-se ao poder de dominação veladamente pretendido pelos E.U.A.

Por isso, segundo Martí, a revolução tem que ser radical, o que vale dizer ir à raiz das coisas, a fundo, fazendo de Cuba (leia-se todos os demais países latinos e caribenhos), uma pátria de justiça, “donde la libertad quede segura em el ejercicio pleno de ella por todos los hombres, y com la súbita y grandiosa emancipación de las fuentes sujetas del trabajo.”

Martí, embora doente, sentia que a revolução estava em curso. Nas exatas palavras de Almendros (1990): “Com energias físicas empobrecidas y salud débil e insegura, es impresionante la acción que

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Martí se dispone a emprender ahora. Toda su vida se resume y se agolpa em esa acción. Sus sufrimientos, sus ilusiones, sus trabajos de altísimos méritos, su labor preclara y esforzada de años, han sido como preparación y caminho para la suprema lucha revolucionária que fue siempre su norte y sua pasión”.

As sequelas deixadas em seu corpo durante o período de prisão, o que lhe levou a fazer algumas cirurgias devido a tumores que lhe acometeram, não lhe retirou a capacidade de seguir sua luta em busca da revolução redentora.

A partir de meados de 1892, passa a empreender uma série de viagens e participar de orador em eventos realizados pelos trabalhadores emigrados. Seu objetivo era unir os cubanos, dentro e fora do seu País de origem. Para isso, precisava visitar uma questão delicada que a luta histórica lhe reservou: rever novamente o General Máximo Gómez e também refazer a aliança com Maceo.

Gómez vivia em São Domingos, vindo em 11 de setembro de 1892, após longa viagem de navio, a

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

encontrar José Martí, recebendo-o de forma generosa e amigável.

Conversaram durante três dias, entrando em acordo para empreenderem juntos à guerra que garantiria o livramento de Cuba às amarras de Espanha.

A reconquista da confiança e apoio de Maceo foi feita de forma indireta. Martí realizou uma longa viagem de NY a São Domingos, passando pelo Haiti até chegar a Jamaica. Perto de Kingston estavam a esposa e a mãe de Maceo, que vivia ainda exilado na Costa Rica. Reencontra estas mulheres as quais tinha grande admiração, sendo a recíproca verdadeira. Retorna à NY em uma viagem que durou 50 dias. Escreve longa carta a Maceo, na busca de tê-lo novamente no front da guerra que iria brevemente aflorar.

Quando retorna a NY reabastece seus artigos para o periódico Patria, partindo para Florida, mesmo ainda doente e com a saúde abalada, para reuniões nos clubes de Cayo Hueso, Tampa e Ocala. Conseguiu o

apoio de mais de dez mil tabaqueiros que irão contribuir mensalmente para os fundos do Partido.

É interessante observar que o reconhecimento de Martí era tão grande que perto de Ocala tinha um pequeno povoado cujo nome era Martí City. Incontestável a liderança e o reconhecimento de Martí, fruto de sua práxis revolucionária.

Martí segue sua peregrinação por estes clubes, em Florida e depois na Filadélfia, enquanto em Cuba o clima interno o preocupava deveras. Havia em sua terra *mater* muita confusão e faíscas de rebeldia que poderia pôr em risco o plano maior da guerra de libertação que vinha planejando.

Conforme se depreende de seus escritos, Martí entendeu ser este o momento para efetivar o plano da guerra libertadora. E assim, em 1.07.1893 chega novamente a Monte Cristo, para organizar a guerra com o General Gómez. Ato contínuo, viaja para a Costa Rica, pois teria que ter o apoio de Maceo que vive em uma colônia agrícola fundada por trabalhadores cubanos.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Gómez e Martí conseguem o apoio de Maceo. Este se dispõe a organizar uma expedição, juntamente com Flor Crombet, Augustín Cebreco e outros veteranos de guerra. O plano consistia em sair de barco, comprado com o dinheiro que o Partido teria em caixa, saindo da Costa Rica até a costa de Cuba.

Antes de embarcar de volta, os estudantes da capital pediram para que fizesse uma conferência na Faculdade de Direito. Mesmo doente, Martí utiliza o púlpito por duas horas, em uma conferência denominada “El Porvenir de América”. Expõe sua tese da Nuestra América. Chama a atenção, neste discurso longo, para os perigos que o imperialismo norte-americano apresenta. Conhecia o “mostro nas suas entranhas”.

Neste final de 1883, tendo agravado suas condições de saúde, Martí intensifica seus esforços para acelerar o momento que entendia final para pôr fim ao regime colonial de Espanha, mas também para evitar os planos estadunidenses. Precisava ser rápido: a Espanha por um lado, pressentindo a organização que lhe ameaçava, intensificava suas táticas para

manter a Ilha sob julgo, por outro lado uma crise econômica dos tabaqueiros ocorrida em Florida fechou várias fábricas justamente em Cayo.

Com efeito, no ano seguinte (de janeiro e 1894 até janeiro de 1895), Martí e seus aliados colocam a funcionar o plano denominado “Fernandina”.

Tinha tudo para dar certo, no pensamento dos aguerridos revolucionários. Desde os fundos para financiar a guerrilha, centralizados no PRC, o recrutamento dos homens, as armas, enfim, tudo pronto para a etapa final.

Em abril de 1894 o General Máximo Gómez, juntamente com seu filho, vem para NY para tratarem pessoalmente com Martí os detalhes do ataque fatal.

O General Gómez se comove diante do recebimento entusiasta que vê nos clubes de NY, reconhecendo todo o hercúleo trabalho que Martí fizera até então.

O “Plano Fernandia” residia no seguinte, conforme narra Almendros (1990): um barco, financiado pelo Partido, partiria de São Domingos,

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

enquanto outra expedição, direitiga por Serafín Sánchez e Carlos Roloff sairiam de Florida para Santa Clara, sendo que na Costa Rica embarcariam os aliados de Maceo e Flor Crombet.

Gómez deixa seu filho, de nome Panchito, em NY para que acompanhe Martí até a Costa Rica, com o intuito de acertar os detalhes com Maceo e seu grupo.

Em julho deste ano Martí parte para o México, visando obter mais fundos para a empreitada proposta. Retorna a casa de seu fiel amigo Manuel Mercado, que tanto o servira quando lá esteve. Todos o tratam bem, reconhecendo seu gênio e sua humanidade ímpar.

Retorno a NY, aguardando as ordens de Gómez para começar a empreitada. Estava ansioso. Notícias chegavam de Cuba, dando conta de que os insurgentes estavam ansiosos para o ataque.

A ordem chega por meio do General José María Rodríguez, a mando de Gómez, partindo do pequeno porto de Fernandina as três embarcações, de nomes

Lagonda, Amadís e a Baracoa, carregadas de homens e de armas.

A embarcação Lagonda partiria de um local bem conhecido por Martí, Cayo Hueso; na Amadís sairá de Costa Rica com Maceo e seus homens, enquanto Martí irá embarcar na Baroa, passando em São Domingos para recolher o General Máximo Gómez e seus aliados.

Mas o “Plano Fernandia” fracassa. Um delator avisou as autoridades estadunidenses que interceptaram e deteram as três embarcações, para o desespero de Martí e de seus aliados.

Martí fica inconsolável. Todo seu trabalho de três anos parece se esvaír ao vento.

Era preciso reagir. Não era definitivamente culpa sua o fato ocorrido, muito embora alguns poucos tentavam plantar esse entendimento nos grupos aliados a ele.

No final de janeiro de 1885, parte Martí para São Domingos, juntamente com Mayía, Collazo e seu amigo fiel Manuel Mantilla. Em 7 de fevereiro irão ao

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

encontro do General Gómez, em Monte-Cristo, São Domingos. Foi justamente em Monte-Cristo que Martí e Coméz escrevem e firmam, no dia 25 de maio desse ano, as bases que devem orientar o manifesto a Cuba do Partido Revolucionário Cubano (PRC), que ficou conhecido como *Manifiesto de Montecristi*.

Este Manifesto... foi impresso e distribuído aos aliados, como forma de manter a união e não apagar a chama da revolução que plantara durante a vida toda.

Antes da viagem para a costa cubana, Martí escreve para o padre dominicano Federico Henríquez e Carvajal. Pela carta escrita é perceptível que sabia não retornaria mais a vê-los. Vejamos trechos extraídos da obra de Almendros (1990): “Para mí la patria nunca será triunfo, sino agonía y deber”. “Quien piensa en sí no ama a la patria.” “Mi único deseo sería pegarme allí, al último tronco peleador: morir callado. Para mí ya es hora.”

Escreve também para suas mãe e irmãs Carmen e María. Ao final da carta emocionada e comovente, diz à dona Leonor: “Abraza a mis Hermanas, y a sus compañeros. ¡Ojalá pueda algún día verlos a todos a

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

mi alrededor, contentos de mí! Y entonces sí que cuidar é yo de usted con mimo y con orgullo. Ahora, bendígame, y crea que jamás saldrá de mi corazón obra sin piedad y sin limpieza. La dendencia.”

Após algumas tentativas de seguir para a costa cubana, o barco alemão El Nordstrand aceita, mediante o pagamento de mil pesos, levar o grupo rebelde até a perto da costa da Ilha. A partir daí, um barco comprado pelo PRC os levaria até a Ilha.

Passam duas horas remando, com chuva e fortes ondas, até chegarem a uma praia de pedras, local denominado *Playita*.

Martí nunca deixou a arte da escrita, mesmo quando destas últimas semanas de sua vida enquanto combatente. Anotam os historiadores que o grupo, o qual estava Martí, teve que atravessar rio e montanhas. E Martí levava consigo um rifle, um revólver, um tubo com mapas de Cuba, além de uma mochila com medicamentos e livros. Escrevia sempre. Anotava tudo. Como se realmente estivesse vendo esse mundo pela última vez. As ricas anotações foram

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

depois reunidas e comentadas por Mayra Beatriz Martínez no livro “Diarios de Campaña”.

A população humilde e pobre, por onde passavam, iam ajudando e compartilhando o pouco que tinham. Chegam notícias que a polícia espanhola se puseram a caminho, para os perseguirem e travarem uma batalha. Também souberam que Maceo e sua tropa desembarcaram em Duaba e travaram uma sangrenta batalha por lá.

Maceo vem ao encontro do grupo para ajudar Martí e os seus. Triunfante em combate que dava para se ouvir de longe. Martí passa a noite curando suas feridas com os medicamentos que trouxera, não perdendo nunca a poesia: “Qué cariñosas las estrellas a las tres de la madrugada”.

O grupo se detêm durante quatro dias na estância chamada Filipinas. Martí e Gómez redigem instruções aos outros chefes, para que seja punido com severidade quem pretenda aceitar promessas e trocas, de modo que não prejudique o pensamento de independência absoluta de Cuba.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Os valentes guerreiros mambises aclamaram Martí como Presidente! Mas ele não queria poder. Não tinha intenção alguma de postular qualquer cargo. Tanto é que se desfez deles para se tornar livre na guerrilha.

Martí escreve para o General Maceo que anda por perto do seu acampamento. Este responde a mensagem que irá encontrá-los em Bocucy no dia 12 de maio, ao meio-dia. Encontram-se no engenho La Mejorana, planejando e discutindo a guerrilha e a forma de governo que virá.

Já com poucos recursos, Maceo e Gómez pretendem que Martí vá para NY buscar auxílios para continuar a guerra. Martí argumenta que precisa participar de um combate antes de ir.

Sabia Martí que não iria retornar à NY. Por isso afirmara: “vo sé desaparecer, pero no desaparecerá mi pensamiento.” Estava triste e abalado: “Escribo poco y mal, porque estou pensando com zozobra y amargura”, escreve na noite do dia 15 de maio.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Um dia antes de sua morte em combate, escreve sua última carta, endereçada para seu amigo fiel mexicano, Manuel Mercado. Nela está seu pressentimento de que fará o último combate, bem como chama a atenção para o perigo que ronda Cuba e os países latinos. Vejamos:

“... ya estoy todos los días em peligro de dar mi vida por mi patria y por mi deber – puesto que lo entendo y tengo ánimos con que realizarlo – de impedir a tempo con la independência de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan con fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, es para esso (...) Viví en el monstro, y le conosco las entrañas: - y mi honda es la de David.”

Era 19 de maio de 1895 perto de Dos Rios. Estavam reunidos todos os chefes para discutir as estratégias da guerra: Martí, Gómez, Masó e outros. Chegam notícias de ataques espanhóis em Dos Rios. Saem os líderes e os mambises para a batalha. Gómez ordena que Martí fique na retaguarda, buscando o proteger. Mas como proteger aquele que certamente pensava que havia “alzado de la muerte apetecida”.

Este certamente era o momento. O seu momento triunfal, vez que sempre disse que morrer pela pátria era uma honra e o orgulhava.

Martí presencia à sua frente a guerra entre os espanhóis e seus companheiros. Como poderia não participar? Como, diante de tantas tentativas infrutíferas e fracassos não participaria, de alma e corpo, da luta que se tratava à sua frente? Esta era a oportunidade que estava buscando para dar sua contribuição, em uma verdadeira práxis que animou toda sua existência. E assim o fez. Lançou-se à frente com uma arma em punho. Não sei, mas certamente não chegou a matar ou talvez no máximo conseguiu atirar para o alto.

Escondidos em uma moita, recebe uma descarga de balas. Ángel de la Guardia, que o acompanha, vê seu cavalo cair e Martí cai junto, embaixo do animal. Três balas o acertaram fatalmente. Os espanhóis apanham seu corpo como se fosse um troféu. Somente o entregam em Santiago de Cuba, uma semana após, devidamente embalsamado.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Seus restos mortais repousam no Cemitério de Santa Ifigenia, em Santiago de Cuba, no mesmo cemitério em que repousa Fidel Castro, que a história absolveu.

“El cuerpo hecho polvo está ali; pero Martí sigue y seguirá vivo para siempre, em la memoria y em el corazón de su pueblo. Espejo de humanidad es para todos. La Revolución lo lleva em su entraña.” (Almendros, 1990)

A história mostrou que a semente revolucionária plantada por Martí vingou após sua morte. A luta por uma Cuba Livre continuou. Maceo morreu em combate em Havana, fruto de uma emboscada, em 7 de dezembro de 1897. Ano seguinte, em 1898, os temores de Martí se concretizaram: a Espanha se rende aos interesses do “Gigante de Botas do Norte” (E.U.A), ganhando Cuba uma pseudo independência que a conduzindo como colônia do imperialismo estadunidense.

Em 1901 o EUA consegue implantar na constituição cubana a Emenda Platt, a qual possibilitava a intervenção deste como forma de

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

garantir uma suposta independência da Ilha. Os interesses estadunidenses mantiveram-se aceso, razão pela qual a base de Guantánamo até o presente permanece como se fosse seu território.

As sementes plantadas por Martí floresceram e florescem não somente em Cuba mas em toda a latino-américa e caribe. Estavam presentes na guerrilha de 26 de julho de 1953, em que os irmãos Castro (Fidel e Rui) investiram, inexitosamente, contra o Quartel de Moncada (em Santiago de Cuba). Por esta razão que a resposta dada pelo grupo, quando vários foram torturados até a morte para deletar o mentor do assalto, responderam que foi José Martí o mentor do plano.

Por certo que esta semente germinou e nasceu a frondosa árvore em 1959, com a vitória final ocorrida na batalha final de Santa Clara. Indago-me se os dez anos em que escreveu suas crônicas para o argentino *La Nación* (1881 à 1891), não fizeram de algum modo chegar na formação de Ernesto Guevara? Ao que tudo indica, analisando a obra do médico e guerrilheiro argentino, tudo indica que a resposta é afirmativa.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

De algum modo, a ideia da união de todos os povos latino-centro-americanos e caribenhos, traduzida pelo ideário revolucionário de Nuestra América, se mantém acesso e vivo.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

A EDUCAÇÃO LIBERTA: seguindo os ensinamentos de José Martí

Era uma sexta-feira, 17 de novembro de 2023 quando partimos do resort Hotel Meliá Las Dunas, em Cayo de Santa Maria. Estava ansioso para retornar à La Habana. Tinha apenas o sábado, 18, eis que partiria já no domingo de manhã para o Brasil, com a tradicional escala no Panamá feita pela Copa Airlines.

Já trazia na mala vários livros, noventa por cento deles sobre José Martí. Não fosse o excesso de peso que os livros emprestam no pagamento das taxas extras no aeroporto, certamente traria mais e mais obras comigo. O livro em Cuba é extremamente barato. Custa centavos de reais, se compararmos à nossa moeda.

Mas não são somente os livros que trago na mala. Além das lembranças inesquecíveis das belas

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

praias, realmente encantadoras, sedimento fortemente minha convicção de que esta pequena e valente Ilha caribenha ainda resiste porque possui um lastro de cultura que permite manter um socialismo sui generis. E mais uma vez é o pensamento martiniano que cimenta este processo.

Com efeito, a educação em Cuba é exemplar.

O exército de estudantes que observei ao final de tarde, quando fazia o *city tour* pela ilha, mostra dados impressionantes neste quesito: dados apontam como um dos países com menor taxa de alfabetização (em torno de 99,7%), possuindo um ensino público e gratuito, garantido pelo Estado em todos seus níveis, de forma extremamente democrática na tomada das decisões de suas instituições.

Martí apregoou que “Ser culto es el único modo de ser libre”, entendendo a educação como liberdade, apontando que “La ignorancia mata a los pueblos”. E Cuba assimilou bem essa lição de Martí, assim como apostou em um serviço exemplar de saúde pública que é modelo para o mundo.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Na abertura da IV Convención Científica Internacional da UCLV, exatamente dia 13 de novembro de 2023, o Prof. Agustín Lage Dávila faz uma conferência inicial, no belo auditório central da Universidad Marta Abreu de Las Villas.

Sua brilhante palestra, cujo mote era a necessidade de criação de empresas em Cuba, apresentou vários dados que confirmam a minha visão empírica de que a educação/cultura é fundamental para a manutenção da revolução e de suas conquistas.

A BIOFARMA em Cuba, por exemplo, foi fundamental para a produção de tantas vacinas para combate da COVID-19, que deram à Ilha que Resiste uma posição privilegiada nos quesitos relacionados ao número baixo de óbitos em termos comparativos mundiais.

O investimento de Cuba em biotecnologia é impressionante: a BIOFARMA conta com 32 empresas, 21 entidades de Ciência e Técnica, 80 linhas de produção, mais de 20 mil e trezentos trabalhadores, com 246 doutores e 1.219 mestres.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Por isso, afirmou Agustín, “La Biotecnologia em Cuba no es esencialmente una experiencia científica sino una experiencia de innovacion organizacional, dentro del Socialismo.”

Com efeito, os investimentos de Cuba em educação são maiores que muitos países nórdicos (Noruega, Finlândia, Suécia, por exemplo). Dados do Banco Mundial de 2021 apontam um investimento de Cuba na ordem dos 8,5 do PIB, enquanto a Noruega investiu 7,9 e a Finlândia 6,4.

Não tenho dúvidas que a maior riqueza de Cuba está na educação/cultura, na saúde a que todos e todas têm direito, cujas decisões são tomadas de forma descentralizadas, por meio das juntas locais e distritais.

O verdadeiro exército de estudantes que vi nas duas estadas na Ilha, são uma amostra de como estes investimentos podem manter ainda vivos os ideais revolucionários e humanistas de José Martí.

Mais que isso: são estes(as) estudantes que podem resolver os vários problemas que a Ilha possui,

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

tais como o transporte precário, o problema do lixo urbano, a falta de empreendimentos em vários setores, todos eles agravados por um insano bloqueio internacional, capitaneado pelos Estados Unidos da América, que ocasiona a falta de produtos e matérias primas básicas.

Sim, Cuba ainda resiste e insiste em ser diferente de tudo e de todos os países. Por isso, só indo para Cuba mesmo e vivenciando estas experiências. Não em um sistema turístico, pois arrisca-se a conhecer somente a casca e não o fruto. Cuba é para ver vivida e sentida. Viva à diferença, salve à Ilha que Resiste!

JOSÉ MARTÍ Y EL DERECHO DE PETICIÓN: UN PUENTE ENTRE CUBA Y BRASIL POR LA CIUDADANÍA ACTIVA

Por Nilda Rivalta Oliva

En una tarde tranquila de Río Grande do Sul, en una pequeña comunidad llamada Bairro Perfilurb II, los pobladores se organizan en fila, a la espera del comienzo de una modesta feria local donde se ofrecen productos agrícolas, ropa, libros, asesoría jurídica y atención a la población. Todo con la motivación de garantizar al pueblo algo más que servicios: el derecho a hablar y el derecho a participar.

Con un frío que no le es extraño a los habitantes de esta región —gente acostumbrada a ver su aliento hacerse niebla y a saludar al invierno como a un viejo

conocido—, pero que para una hija del Caribe, donde el sol no calienta sino que abraza con entusiasmo tropical, aquello era poco menos que una herejía climática. Cada ráfaga de viento parecía una bofetada con guante blanco.

En tales circunstancias, hasta el café se volvía más un acto de resistencia que una bebida. Y es en este contexto cuando una señora del Bairro Profilurb II se acerca a nuestra mesa, no para pedir ayuda, ni favores.

Se acerca —con todas las letras— a exigir una respuesta, su derecho a recibir el subsidio que le permita darle un mínimo de habitabilidad a su vivienda afectada por las inundaciones en 2024. La señora acompañada de su hija y nietos no quiere escándalo ni escarnio, solo quiere que la escuchen. Y no lo sabe, pero en ese gesto modesto, cargado de civismo, revive una vieja práctica que recorre la historia de nuestros pueblos: el derecho de petición. Entonces es cuando en ese acto sencillo, una mujer cualquiera se transforma en ciudadana.

Mientras tanto, a miles de kilómetros y más de un siglo atrás, un hombre llamado José Martí, el

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

cubano universal, escribía desde Nueva York sobre la necesidad de que el pueblo no solo hablara, sino que también fuera escuchado. En sus crónicas para La Nación o el Diario La Opinión Nacional, Martí no se limitaba a relatar; él llamaba a construir. Por eso su idea de república era tan clara cuando decía, en otras palabras, que no hay democracia sin pueblo, y no hay pueblo sin palabraporque decir, señala Martí, “es hacer, cuando se dice a tiempo”¹. Por tanto, como él mismo refirió: "Los derechos se toman, no se piden; se arrancan, no se mendigan."². Así,que cuando un derecho está a nuestra merced,esnuestro derecho ejercerlo.

Muchos en Brasil no saben quién fue José Martí. Algunos lo confunden con algún patriota latinoamericano, otros con algún poeta exiliado. A veces se llega a mencionar en actos de solidaridad con Cuba, o en alguna clase de literatura latinoamericana. Pero Martí no es solo el mártir de la independencia

¹ Martí, J. Carta a los cubanos, Nueva York, septiembre de 1890, Epistolario. T2, p.217

² Martí, J. Brindis del banquete en honor de Adolfo Sterling, altos de El Louvre. La Habana, 21 de abril de 1879. T4,p. 177

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

cubana ni el autor de Versos Sencillos. Fue, ante todo, un hombre de pensamiento práctico, un intelectual que eligió la acción, un periodista que escribió con la espada de las ideas y el corazón puesto en el pueblo.

Lo imagino hoy caminando por las calles de alguna ciudad o pueblo de Brasil, hablando con jóvenes, escuchando a líderes comunitarios, escribiendo editoriales encendidos contra la exclusión y el racismo, predicando desde una ética civil que incomoda a los poderosos y enciende a los humildes. Y pienso: ¿qué diría Martí del Brasil de hoy? ¿Qué palabras usaría para hablarnos del derecho que tenemos aquí y ahora de exigir al Estado? ¿Y cómo nos enseñaría a no bajar los brazos, a no temer al lenguaje administrativo, a entender que peticionar no es mendigar, sino ejercer soberanía? Tal vez diría, como escribió en el prólogo a Cuentos de hoy de mañana de Rafael de Castro Palomino en 1893:

*“...los derechos justos pedidos
inteligentemente tendrán sin necesidad
de violencia, que vencer; que el único
modo eficaz de mejorar los males
sociales presentes, por medios*

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

naturales y efectivos, es el perfeccionamiento de la educación, y la defensa ardiente de los derechos ennoblecedores y vitales que van envueltos en el nombre general de libertad.”³

En el pensamiento de Martí, el derecho de petición no aparece como una categoría jurídica aislada, sino como expresión esencial de la ciudadanía activa. El pueblo tiene no solo el derecho, sino el deber de hablar, de interpelar y de corregir a sus gobiernos porque asistir al derecho de pedir es avalar el derecho de existir.

Porque peticionar es existir frente al Estado. Es negar la sumisión y reclamar presencia. Para Martí, no hay república sin palabra popular ni dignidad sin escucha.

Esta concepción está profundamente imbricada con su ideal de democracia participativa, donde la legalidad no puede divorciarse de la justicia ni de la equidad social.

³ Martí, J. Prólogo a *Cuentos de hoy de mañana* de Rafael de Castro Palomino. 1883. T5, p. 108

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Y es que en las constituciones latinoamericanas hay palabras que suenan como promesas dormidas. El derecho de petición, es una de ellas. En Brasil, está ahí, en el artículo 5º, inciso XXXIV, de la Constitución de 1988. Con el “...se les asegura a todas las personas, sin necesidad de pagar las tasas (...) el derecho a presentar peticiones a los Poderes Públicos en defensa de los derechos,”⁴

Sin embargo, cuántos lo ignoran. Cuántos lo ven como un trámite sin sentido o sienten que no sirve para nada.

Martí nos enseñaría lo contrario. Él entendía que la república se forja con actos cotidianos de dignidad. Que la política no comienza en el parlamento, sino en la plaza. Y que cada vez que alguien, desde el margen, se atreve a interpelar al poder, está fundando una democracia más real.

Por eso decía en la narración de la historia de Tres Héroes que “la libertad es el derecho que todo

⁴ Constitución Política de la República Federativa del Brasil, artículo 5º, inciso XXXIV. 1988. Tomado de: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2001/0507.pdf>

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

hombre tiene a ser honrado, y a pensar y a hablar sin hipocresía.”⁵ y así lo escribió en La Edad de Oro, hablando a los niños de América. El derecho de petición es, en ese sentido, profundamente martiano. Es la forma legal de decir estoy aquí, lo que pasa me importa y quiero ser parte de la solución. Y es tan así que hoy, en pleno siglo XXI, nuestra realidad nos demuestra que ese pensamiento no envejece y sigue siendo un llamado urgente. He ahí la importancia, para los pueblos de América, de conocer y comprender el pensamiento martiano.

Por eso otro texto breve y ardiente como Nuestra América, escrito por Martí en 1891, merece ser leído y correctamente interpretado. Lo hizo para advertir a los pueblos latinoamericanos del peligro de copiar modelos extranjeros, de gobernar con códigos ajenos y de no conocerse a sí mismos. Allí dijo, con fuerza: “El gobierno ha de nacer del país”⁶. Y resaltó el valor

⁵ Agenda de Reflexión, número 208, año III, Buenos Air, 2004. En el día del niño. Crónicas de La Edad de Oro, 1882, por José Martí. Tomado de: <https://www.sas.cglnm.com.ar/public/PAC/072/Tres%20Heroes.pdf>

⁶ Martí, J. Nuestra América, Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891, p.134. Tomado de

de las ideas al considerar que “Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra”⁷. Con estas palabras Martí valida la herramienta de peticionar como un derecho jurídico que posee todo ciudadano y una necesidad del Estado para la instrumentación de su gestión.

Hoy, más de un siglo después, ese texto sigue vivo. En él se encuentra una brújula para navegar los desafíos del presente. No se trata de idealizar el pasado ni de usar citas como reliquias. Se trata de recuperar el sentido profundo de lo que Martí llamaba "la dignidad plena del hombre"⁸. Y esa dignidad comienza por ser escuchado y poder decir. Por tener canales abiertos entre el pueblo y el poder. En Cuba, ese derecho se invocó una y otra vez en la república del siglo XX, a veces con esperanza, otras con dolor, pero siempre como forma de participar.

<https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>

⁷ Ibídem, p. 133

⁸ Discurso en el Liceo Cubano en Tampa, de 26 de noviembre de 1891: véase José Martí. *Obras completas* (versión digital), t. IV, "Política y Revolución", Ciencias Sociales, La Habana, 1991, p. 270.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

En Brasil, también hay historias de peticiones colectivas que cambiaron el rumbo como la de los indígenas que exigieron demarcación de tierras, mujeres que reclamaron políticas públicas, estudiantes que pidieron más inversión en educación. Y es que no se trataba solo de pedir, sino de proponer una forma distinta de habitar el Estado. Porque no hay república sin escucha; Martí lo sabía y por eso fundó un partido revolucionario no para imponer, sino para organizar la voluntad del pueblo.

Para ello que escribió cartas a sus amigos en el exilio, consultó a campesinos, recorrió barrios y creyó en la educación como política.

He ahí, por tanto, que el derecho de petición sea un acto doble en el que se conjuga una palabra dicha con uno oído dispuesto a escuchar. Por eso, no basta solo con garantizar que se pueda hablar puesto que el Estado debe responder. Y esa respuesta no puede ser automática, vacía o evasiva, debe ser verdadera, respetuosa y fundada.

En Brasil, muchas veces el Estado responde con silencio, tecnicismo o aplazamientos eternos. Sin

embargo, Martí, con su ética fervorosa, denunciaría esa indiferencia como una forma de violencia, porque el desprecio al que pide no es solo negligencia es también negación de la condición ciudadana.

Finalmente, conocer el valor teórico de pensamiento martiano y su sentido práctico nos lleva plantear la siguiente interrogante: ¿Puede el pensamiento de un cubano decimonónico ayudar a construir la democracia brasileña del siglo XXI? La respuesta es sí, si entendemos que Martí hablaba desde un lugar profundo: el alma mestiza, rebelde y esperanzada de América Latina. Él no habló para Cuba solamente. Habló para los pobres del continente, para los negros esclavizados, para los indígenas olvidados, para los obreros sin voz porque su voz era la de la justicia encarnada en la acción, la del deber cívico que no se entrega al cinismo.

Traer a Martí al Brasil de hoy no es una extravagancia. Es un acto de justicia. Es tender un puente entre tradiciones cívicas hermanas. Es recuperar una memoria continental donde pedir es también construir. Por eso escribió “Patria es

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

humanidad,”⁹, y pocas frases resumen mejor su proyecto moral y político. Si patria es humanidad, entonces toda causa justa en Brasil es también una causa martiana.

La señora de Bairro Profilurb II regresa a su casa sin saber si le contestarán. Pero lo ha hecho, ha escrito, ha firmado y por tanto ha ejercido su derecho. En algún lugar del Caribe, desde alguna parte de la historia, Martí le sonríe.

Y nos queda una pregunta, flotando entre papeles y palabras: ¿estamos dispuestos, nosotros, hoy, a pedir con dignidad, a escuchar con responsabilidad, a construir desde el gesto humilde de escribir una carta? Porque al final, como escribió Martí, “Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos”¹⁰. Y tal vez ese conocimiento comience por

⁹ Martí, J. *En casa*, Patria, Nueva York, 26 de enero de 1895, t.5, p. 468

¹⁰ Martí, José. Nuestra América, Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891, p.133. Tomado de <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

aquí reconociéndonos unos a otros en el acto común de hablarle al poder sin miedo.

Porque aunque José Martí no escribió sobre el derecho de petición en términos legales. Lo vivió como exigencia ética, como pulso vital de la república verdadera y su eco resuena hoy en Brasil, donde los ciudadanos que exigen respuestas están reescribiendo, con su voz, el destino de una América que sigue buscando justicia.

Bibliografía

Agenda de Reflexión, número 208, año III, Buenos Aires, 2004. **En el día del niño**. Crónicas de La Edad de Oro, 1882, por José Martí. Tomado de: <https://www.sas.cglnm.com.ar/public/PAC/072/Tres%20Heroes.pdf>

Constitución Política de la República Federativa del Brasil, artículo 5º, inciso XXXIV. 1988. Tomado de: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2001/0507.pdf>

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Discurso en el Liceo Cubano en Tampa, de 26 de noviembre de 1891: véase **José Martí**. *Obras completas* (versión digital), t. IV, "**Política y Revolución**", Ciencias Sociales, La Habana, 1991, p. 270.

Martí, J. Brindis del banquete en honor de Adolfo Sterling, **altos de El Louvre**. La Habana, 21 de abril de 1879. T4, p. 177

Carta a los cubanos, Nueva York, septiembre de 1890, Epistolario. T2, p.217

En casa, **Patria**, Nueva York, 26 de enero de 1895, t.5, p. 468

Nuestra América, Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891, p. 133 - 134. Tomado de <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osa127/14Marti.pdf>

Prólogo a *Cuentos de hoy de mañana* de Rafael de Castro Palomino. 1883. T5, p. 108

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Martí, José. **Nuestra América**, Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891, p.133. Tomado de <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal27/14Marti.pdf>

**“RAZA Y CIUDADANÍA EN BRASIL Y
CUBA: reflexiones desde el pensamiento de
José Martí”**

Por Nilda Rivalta Oliva

La esclavitud ha sido uno de los sistemas más antiguos y persistentes de explotación humana. Presente en diversas civilizaciones, adquirió en la modernidad una dimensión inédita con la trata transatlántica de africanos, que unió de manera violenta los destinos de Europa, África y América. Este no fue un fenómeno marginal, sino un engranaje central del desarrollo económico y político del mundo moderno ya que sustentó imperios, alimentó la Revolución Industrial y configuró el mapa social y cultural del continente americano.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Más que un régimen jurídico de propiedad sobre personas, la esclavitud constituyó una estructura de dominación basada en la deshumanización sistemática, la racialización de la fuerza de trabajo y la naturalización de la desigualdad. El sistema esclavista además de extraer valor económico moldeó mentalidades, jerarquías y patrones culturales que sobrevivieron a su abolición formal.

En América Latina, Brasil y Cuba fueron piezas clave de esta maquinaria. Durante siglos, sus economías dependieron de la mano de obra africana y afrodescendiente en plantaciones, ingenios y actividades urbanas. Sin embargo, la abolición, tardía en ambos casos, no significó la desaparición del orden social esclavista, sino su reconfiguración bajo nuevas formas de exclusión y marginalización.

Frente a esta realidad, el pensamiento de José Martí se erige como una brújula ética y política ya que Martí no solo denunció la esclavitud como hecho histórico, sino que comprendió la profundidad de sus secuelas al decir que “La esclavitud de los hombres es

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

la gran pena del mundo”¹. Su visión de la dignidad humana y de una América unida e igualitaria ofrece un marco para reflexionar sobre las persistencias del pasado esclavista en las sociedades contemporáneas.

Brasil fue el último país de América en abolir la esclavitud con la promulgación de la Ley Áurea el 13 de mayo de 1888², después de más de tres siglos de dependencia masiva de mano de obra africana y siendo también el mayor receptor de personas esclavizadas del continente. En Cuba, aunque en menor escala absoluta, la esclavitud se prolongó hasta 1886 llegando a ser el pilar de su economía azucarera, con una alta proporción de población de origen africano en zonas de plantación.

En ambos casos, la abolición fue más una concesión política tardía que el fruto de un proceso

¹ Martí, J. Versos Sencillos, 1991. Obras Completas, Op. Cit., t.16, p.112.

²Ley nº 3.353, la llamada Ley Áurea, decretó, el día 13 de mayo de 1888, el fin legal de la esclavitud en Brasil. Fue la ley más popular y la última del Imperio. Hace décadas, los movimientos negros caracterizan la fecha como día de la abolición inconclusa, resaltando la lucha de los negros por libertad y desmitificando la figura de la princesa Isabel como la benefactora de los negros.

Tomado

de:

<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especiais-130-anos-de-una-abolicion-inacabada/>

reparador. Los libertos salieron a una libertad sin tierra, sin educación y sin integración real al mercado de trabajo en condiciones de igualdad. Por eso Martí advirtió que la independencia política sin justicia social sería incompleta y por eso había que quitarle hasta la última raíz. Con su visión de América, que incluía una crítica profunda a toda forma de opresión, comprendió que la verdadera libertad no se decretaba, sino que debía materializarse en la dignidad plena de todos los seres humanos.

La esclavitud fue, por tanto, más que un sistema económico, una estructura de poder y de pensamiento que modeló las sociedades de Brasil y Cuba durante siglos. Sus huellas no se borraron con las leyes de abolición —1888 en Brasil, 1886 en Cuba— sino que continuaron marcando jerarquías sociales, desigualdades raciales y patrones culturales que atraviesan la vida contemporánea.

Martí, desde su pensamiento crítico, sostuvo una visión de la humanidad que trascendía las diferencias raciales y colocaba en el centro la dignidad del ser humano. Ese principio, tan simple como radical,

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

continúa siendo un desafío para las sociedades brasileña y cubana, que todavía enfrentan las huellas de un pasado esclavista arraigado en estructuras de poder, en los imaginarios colectivos y en las relaciones económicas.

En Brasil, por ejemplo, la concentración de tierras, el acceso desigual a algunos servicios básicos, y los altos índices de violencia policial contra la población negra revelan una continuidad en la marginalización histórica. El mito de la democracia racial operó como un velo ideológico que ocultó el racismo estructural, dificultando políticas afirmativas hasta finales del siglo XX.

En Cuba, por su parte, aunque la Revolución de 1959 implementó reformas sociales profundas que redujeron las brechas raciales en educación, salud y empleo, persisten desigualdades sutiles como una menor representación de afrodescendientes en posiciones de dirección, prejuicios culturales y sesgos en la distribución de oportunidades, especialmente visibles en el contexto económico de las últimas décadas.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

En ambos casos, la discriminación no persiste de manera automática, sino a través de la reproducción de mentalidades y estructuras que sostienen la desigualdad. Las normas jurídicas, por sí solas, resultan insuficientes para transformar las relaciones sociales cuando permanecen vigentes prejuicios arraigados y prácticas institucionales excluyentes. Para que la igualdad sea efectiva y no se limite a lo declarativo, es imprescindible que la reforma legal se acompañe de un cambio cultural profundo.

RESISTENCIAS Y LUCHAS POR LA IGUALDAD

La herencia esclavista no ha permanecido sin respuesta. En Brasil, los movimientos negros, las comunidades quilombolas y las políticas de acción afirmativa en educación superior y empleo público han sido estrategias de resistencia y reparación histórica.

En Cuba, mientras, intelectuales, activistas y comunidades han promovido debates y acciones para visibilizar y combatir el racismo, especialmente en el marco de la actualización económica.

Este contexto muestra una correspondencia con el pensamiento de Martí, quien comprendía la necesidad de una emancipación activa y participativa, que uniera la justicia social y el reconocimiento

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

cultural, lo cual resumió en su idea de una República: “Con todos, y para el bien de todos”¹. Para él, no se trataba únicamente de derribar estructuras opresivas, sino de construir un proyecto común donde cada individuo se sintiera parte y responsable del destino colectivo. En esta visión, la inclusión no era una concesión, sino el cimiento mismo de la nación que aspiraba a edificar.

Es evidente que el pensamiento martiano funciona como una brújula ética que ofrece claves para comprender y enfrentar las persistencias del legado esclavista, aportando tres ideas centrales que pueden guiar un enfoque comparado entre Brasil y Cuba. En primer lugar, la universalidad de la dignidad humana en la que Martí rechaza cualquier jerarquía basada en el color de la piel y ubica la condición humana como base de los derechos. En segundo lugar, la interdependencia continental donde su visión de Nuestra América exige reconocer que las luchas contra el racismo y la desigualdad no son locales, sino

¹Martí, José. *Discurso en el Liceo Cubano*, Tampa, 26 de noviembre de 1891, O.C., t. 4, p. 272

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

parte de un proyecto común latinoamericano. Y, en tercer lugar, la educación y cultura como armas emancipadoras pues para él la transformación de la conciencia es condición para erradicar la esclavitud mental que sobrevive a la material.

Martí estuvo siempre en consonancia con la realidad de su tiempo. Nacido en 1853 en una Cuba aún esclavista, fue testigo del racismo estructural que sobrevivía más allá de las cadenas. Lo denunció en sus crónicas de juventud, en su obra poética, y especialmente en su pensamiento político. Habló del rencor eterno a quien ataca a Cuba pero no con tono de amargura, sino de la memoria que recuerda que la libertad sin justicia es apenas otra forma de sometimiento. Así lo entendieron también los exesclavizados de Brasil y Cuba, que no se contentaron con la abolición formal.

En ambos países contaron con una herramienta esencial que reafirma la existencia humana dentro de una sociedad: el derecho de petición. Este se convirtió en uno de los primeros instrumentos jurídicos usados

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

por personas negras para reclamar lo que les habían negado: tierra, salarios, educación y trato igual.

En Brasil, se conservan aún en archivos estatales cartas firmadas por libertos y descendientes de esclavos desde las primeras décadas del siglo XX. Algunos solicitaban el reconocimiento de comunidades quilombolas, otros pedían registro civil, matrícula escolar para sus hijos o indemnizaciones por trabajo no remunerado. Cada caso tenía en común el acto de escribir, de nombrarse y de dirigirse al poder con la dignidad de quien ya no aceptaba ser sombra.

En Cuba, durante la llamada seudorrepública (1902–1959), se vivieron fenómenos similares. Numerosos ciudadanos negros recurrieron al derecho de petición para denunciar abusos, exigir igualdad de trato y reclamar derechos cívicos. En muchos casos, lo hicieron a través de cartas colectivas, en las que se afirmaban como parte del pueblo cubano, con pleno derecho a ser escuchados. El episodio del Partido Independiente de Color en 1912 —movimiento liderado por veteranos negros de las guerras de independencia que exigía representación política y fue

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

brutalmente reprimido— es una muestra extrema de cómo el Estado respondió con violencia al intento de las personas negras de ejercer el derecho a la palabra.

Tanto en Brasil como en Cuba, el derecho de petición sigue siendo una herramienta viva. No siempre eficaz, pero cargada de sentido. Cada vez que un afrodesendiente presenta una solicitud de reclamación para acceder a una beca que le fue negada por discriminación, cada vez que una comunidad exige la restitución de un nombre o un espacio que les pertenece, están reeditando el gesto primero de quienes supieron que el papel, cuando se llena de dignidad, puede ser más fuerte que la cadena.

Y así Martí (1879) lo intuyó con claridad visionaria cuando dijo que los derechos no se mendigan sino que se arrancan, se toman. Pero también supo que para arrancarlos hacía falta primero nombrarlos. Y eso fue, y sigue siendo, lo que hace el pueblo negro cuando escribe, cuando habla y cuando pide; nombra lo que le ha sido negado, y con ello, comienza a recuperarlo.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

LA LEY NO BASTA EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA CIUDADANÍA POST ESCLAVISTA

Ser libre no fue sinónimo de ser ciudadano. Ni en Brasil ni en Cuba. Tras la abolición de la esclavitud, la letra de la ley proclamó la igualdad formal, pero la realidad social mantuvo las exclusiones estructurales.

La ciudadanía, ese concepto moderno que implica derechos, deberes y pertenencia, fue administrada con criterios raciales, de clase y de capital simbólico. En otras palabras la ley decía “todos somos iguales”, pero no todos podían hablar en nombre propio, ni ser escuchados como iguales.

En Brasil, la Constitución de 1988, resultado del proceso de redemocratización, consagró el derecho de

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

petición como garantía fundamental. Desde entonces este derecho ha sido utilizado, como instrumento legal de lucha por derechos colectivos, por parte de movimientos sociales y especialmente el movimiento negro.

Un ejemplo de forma de petición ciudadana se ha materializado en proyectos de ley de iniciativa popular, como la Ley 10.639/2003, que establece la obligatoriedad de la enseñanza de historia y cultura afro-brasileña en las escuelas, o en demandas judiciales por racismo estructural o por reconocimiento cultural. La ciudadanía negra, históricamente negada, se reconstruye a través de la palabra exigente.

En la Cuba republicana (1902–1959), sin embargo, el derecho de petición estuvo reconocido formalmente en todas las constituciones —1901, 1940—, pero su aplicación estuvo marcada por el centralismo burocrático y, sobre todo, por la exclusión racial disfrazada de legalismo. Los ciudadanos negros, aunque teóricamente iguales ante la ley, eran objeto

de prácticas discriminatorias en el empleo, la educación, la justicia y el espacio público.

Diversos estudios sobre la seudorrepública como Documentos para la Historia de Cuba de Hortensia Pichardo o Cuba: Seis décadas de Historia entre 1899-1959 de la autora Francisca López Civeira han documentado, aunque con otras palabras, cómo los cubanos negros utilizaron el derecho de petición como vía para impugnar su exclusión. Muchas de ellas solicitaban acceso a cargos públicos, reparación por abusos policiales, o igualdad de trato en instituciones educativas. En varios casos, estas peticiones fueron ignoradas o respondidas con violencia simbólica, cuando no física, como en el caso del antes mencionado Partido Independiente de Color.

Esta práctica de reclamar y hacerse escuchar conecta directamente con el pensamiento martiano, que encierra una defensa implícita de la participación activa. Martí insistió en que los pueblos debían ser protagonistas de su destino, ejerciendo la capacidad de decidir, proponer, hacer y controlar. Esa misma convicción es la que impulsa a la ciudadanía a

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

escribir, dirigirse a sus gobernantes y exigir con
dignidad y firmeza.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

ANTONIO MACEO Y JOSÉ MARTÍ: la amistad como gesto político

Martí escribió desde la experiencia del exilio, del combate por la independencia, de la observación crítica del mundo que le tocó vivir. En sus textos, los negros no aparecen como ornamento, sino como parte del sujeto nacional. *En Nuestra América*, una de sus piezas fundamentales, afirma que: “(...) hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. Cubano es más que blanco, más que mulato, más que negro”¹. No habla aquí de color, sino de humanidad. Intuye que la nación que sueña no puede construirse sobre la exclusión. Sabe que en el cuerpo del soldado mambí, en el machete de Antonio Maceo, en la dignidad de los campesinos negros que se unieron a la

¹Martí, J. (1893). *Mi raza*. En Centro de Estudios Martianos (Ed.), *Obras completas* (t. 2, pp. 298-300). Editorial de Ciencias Sociales.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

guerra, hay una fuerza fundacional que no puede negarse sin traicionar a la patria.

Sin embargo, su lenguaje no siempre nombra directamente al sujeto negro. A menudo habla de los pobres, los humildes o los trabajadores. La negritud aparece diluida en una noción universalista del pueblo, donde el color no debería importar, pero sí importa. Martí, como muchos pensadores de su tiempo, aspiraba a una armonía republicana que superara las fracturas raciales.

La relación entre Martí y Antonio Maceo es una de las claves para entender su sensibilidad ante la cuestión racial. Admiraba profundamente a Maceo, el Titán de Bronce, general de la guerra de los Diez Años, mulato de origen humilde y de temple indoblegable.

Martí ve en Maceo no un símbolo racial, sino un hombre entero, íntegro, político y ético. Lo respeta como igual y lo admira como superior en coraje y consecuencia. En tiempos donde incluso entre independentistas blancos había reticencias a la idea de una Cuba dirigida por negros. Al elogiar a Maceo,

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Martí reconoce el aporte negro a la nación en construcción. No habla de raza como categoría de análisis político, sino habla de virtud, de capacidad y de pueblo.

Hay quienes interpretan la omisión del discurso racial explícito en Martí como un intento de evitar la fragmentación del movimiento independentista. En un contexto donde muchos criollos temían que la independencia derivara en una haitianización de Cuba. Sin embargo, Martí optó por un lenguaje que uniera en vez de dividir. Apostó por un ideal mestizo de nación, donde negros y blancos tuvieran un lugar, no como identidades separadas, sino como pueblo común.

Más hoy, muchas de sus ideas pueden ser reactivadas en clave afroamericana. Su defensa del derecho a decir, su apuesta por la participación popular, su ética de la dignidad y la justicia pueden leerse como una invitación a que los pueblos negados se levanten y hablen. Su visión, anclada en un humanismo radical, interpela las luchas actuales contra el racismo estructural y la exclusión política.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

Martí nos recuerda que la libertad no es una concesión, sino una conquista diaria que exige voz, conciencia y acción colectiva.

En el presente, las comunidades negras de Brasil y Cuba pueden y deben dialogar con Martí desde su propia experiencia. No para colocarlo en un altar, sino para interpretarlo y para actualizarlo. Martí no fue afrodescendiente, pero fue antirracista en su modo de concebir la república.

Por tanto, hoy, cuando un afrodecendiente redacta una carta al Estado para reclamar el derecho a la tierra, a la educación o a la memoria, está encarnando el ideal martiano de una ciudadanía activa. Pero quién tiene hoy el derecho a hablar, la pregunta no es solo si el derecho de petición existe en la ley, la pregunta es quién puede ejercerlo sin miedo, quién puede esperar una respuesta y quién puede decir sin ser castigado. Esa es la diferencia entre una democracia formal y una justicia real.

Brasil y Cuba, desde contextos distintos, comparten un desafío común, garantizar que la palabra negra no sea tolerada como folclore, sino

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

escuchada como política. Que el derecho a pedir no sea un gesto decorativo, sino una herramienta efectiva para transformar estructuras de exclusión.

Martí, si pudiera mirar desde las calles de Rio Grande do Sul o desde un barrio de La Habana, sabría que su república todavía está por hacerse. Pero también sabría que está en marcha. En cada carta firmada por un colectivo afrodescendiente, en cada solicitud de tierra, en cada denuncia por discriminación, hay una chispa de esa república.

Es importante comprender que el legado de la esclavitud en Brasil y Cuba no es un vestigio arqueológico, sino una herencia viva que se manifiesta en desigualdades económicas, prejuicios culturales y barreras sociales. La abolición fue solo un inicio y la libertad plena sigue siendo una tarea inconclusa.

Fuentes bibliográficas

130 años de una abolición inacabada en Brasil.
Brasil de Fato.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especiais-130-anos-de-una-abolicion-inacabada/>

Bond, L. Agência Brasil, Publicado en 18/03/2025 - 09:24, São Paulo. **Quilombolas piden mayor participación en los debates sobre la COP30.** En una carta, refuerzan la importancia de la sabiduría ancestral. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/meio-ambiente/noticia/2025-03/quilombolas-piden-mayor-participacion-en-los-debates-sobre-la-cop30>

Constitución Política de la República Federativa del Brasil, artículo 5º, inciso XXXIV. 1988. Tomado de:

<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2001/0507.pdf>

Costa, G. Agência Brasil, abaixo Publicado en 09/02/2025 - 10:02 Brasilia **Estudio muestra condiciones a la liberación de esclavos en Brasil.** <https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/direitos-humanos/noticia/2025-02/cartas-de-manumision-estudio-muestra-condiciones-la-libertad>

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

Há 30 anos, a Constituição reconhecia os direitos quilombolas. <https://cpisp.org.br/ha-30-anos-constituicao-reconhecia-os-direitos-quilombolas/>

LEI Nº 10.639 DE 09 DE JANEIRO DE 2003.
GOV.BR. <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>

López Civeira, F.(2009). *Cuba: Seis décadas de Historia entre 1899-1959*. La Habana: Félix Varela.

Martí, J. (1893). *Mi raza*. En Centro de Estudios Martianos (Ed.), *Obras completas* (t. 2, pp. 298-300). Editorial de Ciencias Sociales.

Brindis del banquete en honor de Adolfo Sterling, **altos de El Louvre**. La Habana, 21 de abril de 1879. T4, p. 177

Discurso en el Liceo Cubano, Tampa, 26 de noviembre de 1891, O.C., t. 4, p. 272.

La América, **Nueva York**, julio de 1884, O.C., t. 6, p. 27.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento
atual em Brasil-Cuba

Nuestra América, Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891. Tomado de <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osa127/14Marti.pdf>

Patria, **Nueva York**, 26 de agosto de 1893, O.C., t. 3, p. 295.

Patria, **Nueva York**, 5 de marzo de 1892, O.C., t. 1, p. 278.

Versos Sencillos, 1991. **Obras Completas**, Op. Cit., t16, p.112

Pichardo, H.(1973). *Documentos para la Historia de Cuba* (Vol. 2). La Habana: Ciencias Sociales

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva

ANEXOS



Figura 1 - Casa em que nasceu Jose Martí, em Havana Vieja, onde funciona atualmente o Museo Casa Natal de Jose Martí, localizado na Calle Leonor Pérez, nº 314.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba



Figura 2 - Estátua de Jose Martí no Central Park de Havana. Localizado entre o Centro de Havana e a parte antiga (Habana Vieja), sua mão elevada está a ensinar as gerações.

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva



Figura 3 - Escola de Instrução Primária, situada no centro de Havana. São muitas que levam o nome do mentor da Revolução Cubana.

Crônicas para MARTÍ: aproximações de um pensamento atual em Brasil-Cuba

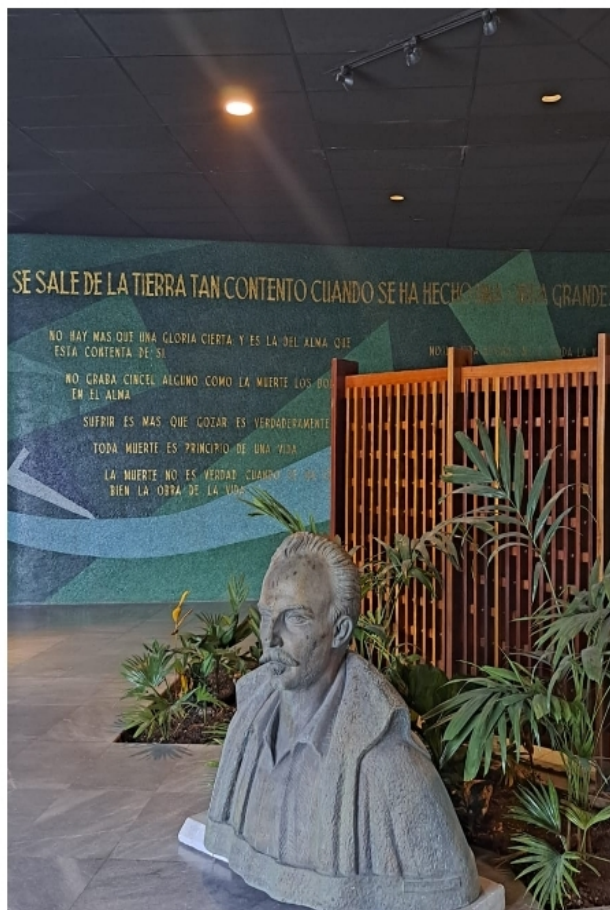


Figura 4

José Ricardo Caetano Costa
Nilda Rivalta Oliva



Figura 5.

Figuras 4 e 5: Bustos tiradas dentro do Memorial a José Martí, situado no centro da Plaza de la Revolución (Praça da Revolução) de Havana. É o prédio mais alto de Havana, medindo em torno de 142 m de altura e 78,50 m de diâmetro. No seu interior, é impossível não deter-se em suas frases mais famosas, todas escritas com filetes de ouro.